

PELA LITERATURA NÃO CHEGUEI À FILOSOFIA

Eduarda Dionísio

Encontro “Filosofia e Literatura”

Covilhã, 28 OUT 05

1.

Comecei por dizer que não viria aqui porque me sinto «estrangeira» à Filosofia. Nem sei dizer o que ela é. Com essa recusa, estaria logo a rejeitar um «caminho» que o título da sessão aceita como possível: «Da Literatura à Filosofia».

Mas umas trocas de palavras com organizadores simpáticas e convincentes fizeram-me dizer que sim num segundo momento. E aqui estou. E desde ontem.

Antes de começar, julgo que devo dizer qual é o meu «estatuto»: simples «consumidora» (irregular) e (ex-) produtora de literatura (vulgo, «leitora» e «escritora») – o que, no meu caso, incluiu «tarefas» de «analista» (fiz «crítica literária» uns tempos) e «docente» (dei aulas de português no ensino secundário mais de 30 anos e organizei com outros «livros escolares» com textos literários dentro).

E, a não esconder nem perder de vista: sou incapaz de ler «filosofia».

Tentarei explicar porquê:

Não desenvolvi uma capacidade de «abstracção» necessária, não aprendi a lidar com «conceitos». Habituei-me a mover-me no «concreto» – de que a «filosofia» para o ser se «alheia».

E passo a concretizar com exemplos de palavras de que se fazem títulos de livros de «filosofia» clássicos, que logo na estante me são «opacos».

NADA (percebo «nada» quando quer dizer «coisa nenhuma», o francês «rien» («res» em latim queria precisamente dizer «coisa»), mas já não percebo o «nada» que em francês é «néant».

O mesmo me acontece com SER: julgo perceber o sentido de «ser» quando em francês significa «estar» ou quando depois dele precisa de um «qualquer coisa» (um nome predicativo do sujeito, diz-se ou dizia-se «em gramática»); deixo de perceber quando o verbo passa a nome com um artigo definido antes: «O ser».

Coisa semelhante se passa com INFINITO – uma «realidade» que me «assusta» e que só consigo vagamente apreender com imagens: os antigos rótulos das garrafas de Água das Pedras, com garrafas que tinham rótulos com garrafas com rótulos com garrafas (mas ainda aqui o infinito tinha um «fim»: quando o espaço deixava de dar para a garrafa seguinte que só se podia «imaginar»...). Processo semelhante ao da «mise en abîme» nos romances, nos filmes, nas peças de teatro (mais simplesmente: a literatura na literatura, o cinema no cinema, o teatro no teatro) mas que, no fundo, nunca chegam ao «abismo», ficam no primeiro passo que se poderia reproduzir, mas não reproduz... Também já tenho tentado chegar ao «infinito» com a imagem dos espelhos paralelos, mas as casas não têm as paredes tão paralelas como «deviam» e o olhar também tem os seus «limites» – que o «infinito» recusa...

Dito de outro modo, nunca aprendi/adquiri essa outra linguagem onde palavras correntes passam a querer dizer «outra coisa», provavelmente também porque aplico a «curiosidade» e o «esforço» a outros tipos de «trabalhos», de «exercícios».

E por isso talvez, utente e praticante de artes várias, não me interessa «o belo» (objecto das «Estéticas»), mas as «coisas belas»; e, observadora e por vezes participante em acções «cívicas» (prefiro dizer «políticas») em que a «ética» entra, não me interessa «o

Bem» e «o Mal» (objecto das «Éticas»), mas as obras, os objectos, os gestos, as vidas que têm «ética» dentro.

2.

O que pode interessar aqui neste encontro é tentar perceber donde vem essa minha «incompatibilidade» com a «Filosofia», que jugo não ser caso raro nem excepcional. O percurso escolar que tive (diferente e semelhante ao de tantos outros) pode contribuir (pelo menos em parte) para uma explicação.

Uma vez que «Literatura» e «Filosofia» são nomes de duas disciplinas escolares, uma vez que é sobretudo entre professores de filosofia que estou neste momento e uma vez que vivi (aluna, professora) uns 55 anos ao toque da campainha, tentarei identificar onde, quando e como, na escola me aproximei da «Filosofia» e esbarrei com ela.

Alguns «marcos»:

- Por volta dos 14 anos, no último ano que fiz no Liceu Francês – a «seconde», correspondente mais ou menos ao actual 9º ano – onde estudei em francês os programas franceses, como se estivesse em França, tive o primeiro contacto com textos de «filósofos» – franceses, é claro – na disciplina de Francês (língua «materna»). Montaigne, Descartes, Pascal, Rousseau, Voltaire (reparem que não passei do século XVIII) eram autores de textos (e não de «obras» nem de «um pensamento»), ou seja, «escritores» (e não «filósofos») que líamos e analisávamos (de maneira diferente para descobrir coisas diferentes, é claro) como o Racine e o Corneille das Tragédias, o Molière das Comédias, o Ronsard dos Poemas, a M^{me} de Sévigné das Cartas, o Lafontaine das Fábulas, etc... Fazíamos «dissertações» (no sentido escolar e clássico do termo – trabalho de «língua» e de «pensamento» com muitas regras) sobre qualquer deles, a partir de questões que nos punham. Uma diferença no trabalho dos textos dos «filósofos» (que não eram assim chamados, que me lembre) e também de outros «prosadores» não-filósofos: não se aprendiam extractos de cor, como acontecia com os poetas e dramaturgos.

Ou seja, a «filosofia» era «literatura» que, pelo menos no meu caso, não me conduziu à «filosofia», se bem que percebesse (julgo eu) o que os textos diziam.

- Como não continuei no Liceu Francês até ao fim do curso, nunca tive lá a disciplina chamada «Filosofia», que na altura só havia no último ano do secundário, com muitas horas por semana (julgo que 8). A minha «aprendizagem» da «Filosofia» fez-se como a dos meus compatriotas da mesma idade que frequentaram o Liceu até ao fim.

Durante dois anos, não li um único texto de qualquer «filósofo». A peça-base do «estudo» foi, neste caso, um manual – «o Bonifácio» – que percorria todas as «sub-disciplinas» da «Filosofia», resumindo teorias várias que iam da Psicologia à Metafísica, passando pela Lógica, a Estética, a Ontologia... A professora, muito reputada porque não precisava de «ler no livro para falar», expunha «por palavras suas» o que o livro dizia, ou seja, «por palavras de Bonifácio» o que os filósofos teriam dito. Lembro-me de um gesto que ela fazia sem «precisar de olhar para o livro»: passar a página em que «ia» quando aquilo que dizia já estava na página seguinte. Não sei se escrevi alguma coisa durante esses dois anos, para lá das respostas às perguntas nos «exercícios escritos de apuramento» (actuais testes). Os únicos «trabalhos práticos» de que me lembro eram os «silogismos» – que pela «lógica» conduziam a frases abstrusas e bastante distantes daquilo que para mim era a «verdade» – cuja procura eu tinha chegado a associar à «Filosofia». Tive altas classificações – o que me levou também a pôr em causa o valor

desses algarismos (aqui e no resto). Isto sem nunca ter conseguido perceber o que fosse a «Filosofia».

- Na Faculdade, curso de Filologia Românica, li (com alguma dificuldade) obras de «filósofos» (sobretudo da Antiguidade – Platão, Aristóteles...) que faziam parte das «bibliografias» de cadeiras tais como «teoria da literatura» ou «história da cultura» (clássica, medieval, moderna...). Mas os textos «filosóficos» eram um «instrumento», não um objecto, não um «terreno com regras próprias». Ia-se buscar à «Filosofia» aquilo que eventualmente ajudaria a perceber o que era a «Literatura» ou o que tinha sido uma determinada época. Ou seja, nenhuma dessas leituras me aproximaram daquilo que eu julgava ser a «Filosofia».

- Mas o maior «trauma» escolar que tive em relação à Filosofia fui eu que o provoquei, é verdade, na minha santa ignorância. Como havia «opções» nos cursos e eu era dada às artes e me julgava capaz de «tudo», escolhi logo nos primeiros anos de «Românicas» como «opção» a cadeira de «Estética» que era do último ano do curso Filosofia... Devia julgar que os assuntos se prendiam com «obras de arte», que o que se estudaria eram discursos do tipo *Les Structures Maîtresses de l'Œuvre d'Art* ou a *La Correspondance des Arts* de Étienne Souriau (por, onde, aliás se passou), reflexões sobre arte dos próprios artistas ou de teorizadores de arte, sei lá, mas era sobretudo de Kant (tão distante da Arte como eu da Filosofia...), de Hegel e de mais alguns que se tratava, e eu não lhes conseguia meter o dente. Nem nunca viria a conseguir.

Se continuava a não perceber o que «Filosofia» fosse, passei também a não perceber o que a «Estética» era. (Apesar de, também aqui, as «classificações» não terem sido muito más...)

3.

Por estas razões e por outras, fui consolidando ao longo da vida – escolar e não escolar – a ideia de que «a literatura é arte e a filosofia é filosofia». Mesmo que se ponha a palavra «filosofia» no plural – as filosofias –, o que até uma «leiga» como eu reconhece que tem de ser feito. Basta, aliás, olhar para as colecções de livros de «filosofia» (de ideias, de pensamento, se se quiser) que circulam – por exemplo, a colecção «Biblioteca Básica de Filosofia» das Edições 70 e a colecção «Anthropos» da Relógio de Água.

Quero com isto dizer que na Literatura é completamente impossível separar «forma» de «conteúdo» – a «forma» é o «conteúdo», o «conteúdo» é a «forma», enquanto me parece menos impossível (talvez por não ser «filósofa»...) na «Filosofia». O que não significa, evidentemente, que a Literatura não possa «falar de» Filosofia e a Filosofia não possa «falar de» Arte. Mas isso é outro assunto.

Três notas que me parecem fazer entender melhor essa diferença:

1. Se se encarasse a Literatura (não como um discurso escrito, por vezes oral, mas) como uma das Artes (o que as tradicionais expressões «Artes e Letras», «Arte e Literatura» não facilitam que se faça), a distância entre Literatura e Filosofia seria tão grande como entre Pintura e Filosofia.

Quem se lembrará de dizer que é «filosofia», por exemplo, o quadro de Gauguin *Donde vivimos, o que somos, para onde vamos* ou o quadro de Courbet *A origem do mundo*?

Quem se lembrará de os considerar «melhor» pintura por porem em evidência um «pensamento», uma preocupação talvez «filosófica»?

Ora, é isto que tantas vezes acontece com obras literárias onde a «reflexão», o «pensamento» fica «à vista». A sua «superioridade» como «obra de arte» – em relação a outras que se ocupam do «concreto», do «local», do «temporal» – vem, nesse tipo de julgamentos que se fazem, de parecerem aproximar do «universal» (da «filosofia») porque essas obras «mostram» que o fazem.

2. A confusão entre Literatura e Filosofia vem sobretudo de estas duas «disciplinas», digamos estas duas «actividades», se fizerem com textos, produzirem textos, precisarem da «língua», de a usarem.

Ora, o que me parece enriquecedor (e para as duas) é perceber que a usam de maneiras diferentes e produzem objectos com características diferentes, para não dizer opostas. Que há fronteiras entre elas, que são, claro está, diferentes conforme as épocas, os autores, os leitores – mais flexíveis ou mais duras, mas fronteiras.

O que me parece interessante, do lado da literatura, quando se lê ou estuda, por exemplo, Fernando Pessoa – dos tais poetas muito enaltecidos porque são «filósofos afinal» e fazem poemas com «ideias», que felizmente não deitam fora – é descobrir porque é que um poema que usa vocabulário da «filosofia», conjunções necessárias à exposição de um raciocínio é um poema e não uma página de um tratado, que é «arte» e não «filosofia», mesmo que o «assunto» pudesse fazer parte dela. Isto não impedirá que os que estudam filosofia vão lá buscar «ideias»...

3. Julgo também que a confusão entre Literatura e Filosofia se acentua pela maneira como é apresentada, lida, estudada, analisada, a Literatura no Ensino Secundário (Falo só do secundário porque é aquele que conheço).

É que, neste momento – e noutros momentos de outras maneiras –, a Literatura (características e sentidos dos textos) escapa-se entre dois pólos contraditórios onde a literatura não está. O texto esvai-se entre uma fúria de classificação (figuras de retórica, processos narrativos, etc.) que se aplica ao que se continua a designar por «forma» e uma tentativa de «interpretação» (do «conteúdo») que se formula assim: «O que é que o Autor quis dizer quando disse...». Ora o que ele «quis dizer» está no que ele disse e na forma como o disse. Pôr as pessoas a fazerem «paráfrases» (em linguagem não literária), superando uma «incapacidade» do autor, deitando borda fora aqueles que de uma maneira ou de outra foram descobrindo coisas como «de la musique avant toute chose», não permite entender o que é a Literatura. Isto mesmo pode mais facilmente atirá-la para uma «filosofia de segunda»... onde por falta de profundidade, de capacidade de raciocínio e de clareza, se embrulha a «falta de ideias» na roupagem do «belo classificável» – as tais figuras de «retórica»...

E tudo se complica ainda mais se se acrescentar a estes dois «pólos» de atracção contraditórios outros dois, bastante praticados pelos «crítico literários» que restam e que valorizam muitas vezes nas seguintes bases contraditórias as obras «literárias»: quanto mais essas obras se afastam do «pensamento» (ou seja da «filosofia») mais e melhor literatura será; quanto mais se aproximam do «universal» (ou seja da «filosofia») mais e melhor literatura será. O que tem tendência a entrar com facilidade no «senso comum».

4.

Essa «Filosofia» onde deveríamos todos conseguir «chegar», mas onde nem todos «chegam», terreno (pelo menos aparentemente) mais «especializado» do que a Arte (portanto do que a Literatura) é-me estranho também por outras razões:

- tem forte ligação à Academia (maior do que as artes);

- o papel social que tem tido a ter é mais distante ainda do que a das artes daquela que «exijo» às «actividades» que me interessam e em que participo;
- a sua função «política» é habitualmente contrária à da própria Política, pelo menos como eu gostaria que ela fosse.

Não posso deixar de referir Paul Nizan – filósofo e também romancista – que, em 1932, chamou aos filósofos da altura «cães de guarda» – expressão que talvez pudéssemos hoje aplicar a grande parte da *intelligentzia* (e não só aos «filósofos») e que Serge Halimi há uns anos retomou, chamando «novos cães de guarda» aos jornalistas.

Paul Nizan, entre duas grandes guerras, considerava que «uma espingarda quando chega a sua hora é mais poderosa do que a sociologia de Dürkheim: e sem dúvida a nossa vida há-de conhecer um tempo onde teremos de consagrar mais tempo ao pensamento sobre as espingardas do que ao pensamento sobre os pensamentos. Mas os que usam espingardas e os que arranjam pensamentos empurram a mesma roda e levam a água ao mesmo moinho»¹.

Considerava também que «a grande massa anónima dos homens que teriam verdadeiramente necessidade de uma filosofia, ou seja de uma visão homogénea do seu mundo e de um conjunto de julgamentos e de vontades claras, a grande massa dos homens que teriam necessidade de ferramentas intelectuais eficazes, estão privados pela burguesia desses pensamentos estabelecidos para que tendem. Só se lhes oferece essa filosofia múltipla que existe hoje. Que afirma existir universalmente, ou seja servir para todas as espécies de homens, para todas as condições terrestres possíveis. Mas esta afirmação, esta pretensão são completamente vazias.»²

E responsabilizava os filósofos: «Vivemos num tempo em que os filósofos se abstêm. Vivem num estado de ausência escandalosa. Existe um afastamento escandaloso, uma escandalosa distância entre o que a Filosofia anuncia e o que acontece aos homens apesar da sua promessa; no próprio momento em que volta a dizer a sua promessa, a Filosofia põe-se em fuga. Nunca está no sítio onde os seus serviços são necessários. É, parece, demissionária. Será mesmo preciso falar de abandono do posto, de traição.»³

O que o faz dizer também: «É mais que tempo de encostar os filósofos à parede. De lhes perguntar o que pensam da guerra, do colonialismo, da racionalização das fábricas, do amor, dos diferentes tipos de morte, do desemprego, da política, do suicídio, das polícias, dos abortos, de todos os elementos que ocupam verdadeiramente a terra. É mais que tempo de lhes perguntar qual é o partido deles.»⁴

5.

Para quem tem interesse, como Paul Nizan tinha, em alterar o papel da Filosofia (ou seja, transformar o mundo), julgo que a «tarefa» não consiste em meter a filosofia «dentro da literatura» nem a literatura «dentro da filosofia», confundindo-as, mas em trabalhar as suas «fronteiras», começando por ter curiosidade e «puxando» por elas, deslocando-as eventualmente.

É nesses terrenos assumidamente «não-literários» uns, «não-filosóficos» outros, «filosóficos e literários» ao mesmo tempo que deixo mais facilmente de me sentir «estrangeira» em relação a certas «filosofias», sabendo que não estou «na» Filosofia, onde de facto não me sei mover.

¹ Paul Nizan, *Les chiens de garde*, Maspero, Paris, 1968. P. 94

² Paul Nizan, *Les chiens de garde*, Maspero, Paris, 1968. P. 77

³ Paul Nizan, *Les chiens de garde*, Maspero, Paris, 1968. P. 29

⁴ Paul Nizan, *Les chiens de garde*, Maspero, Paris, 1968. P. 38

Por exemplo, assistindo a um espectáculo de Jean-Jourdheuil que, sem ser «filósofo», montou textos de Foucault⁵. Por exemplo, lendo um texto de Peter Kammerer, sociólogo de profissão, que parte do *Philoctetes* de Heiner Müller para chegar ao papel que tem no mundo um sentimento (um princípio?) – a «piedade» – sobre o qual é possível «tomar posição»⁶. Não é de «transformação do mundo» que se trata?

Por exemplo, lendo e «passando» – e «passar» não é fácil de fazer em relação à «Filosofia» – um poema em prosa de Thich Nhat Hanh, mestre zen e poeta vietnamita, que assim diz:

ENTRE-EXISTIR

Basta ser um pouco poeta para ver claramente uma nuvem que flutua sobre esta folha de papel. Sem nuvem, não há papel: sem chuva, as árvores não crescem; sem árvores, não se pode fabricar papel. A nuvem é essencial para o papel. Se a nuvem não existisse, a folha de papel também não existia. Pode então dizer-se que a nuvem e o papel «entre-existem». A palavra «entre-existir» não está ainda no dicionário mas podemos muito bem criá-la combinando o prefixo «entre» com o verbo «existir». Já que não há papel sem nuvem, digamos que nuvem e papel «entre-existem».

Se olharmos esta folha de papel mais de perto, veremos também nela o Sol. Sem Sol, as árvores da floresta não crescem. De facto, sem Sol, nada cresce. Mesmo nós. Deste modo, sabemos que o Sol está também numa folha de papel. Papel e Sol «entre-existem». Aproximemo-nos mais ainda e veremos o lenhador cortar a árvore e transportá-la para a fábrica para ser transformada em papel. Veremos assim o trigo, porque o lenhador não pode viver sem o seu pão de todos os dias: a farinha também está na folha de papel. O pai e a mãe do lenhador também. Considerando as coisas deste ponto de vista, veremos que, sem todos estes elementos, esta folha de papel não pode existir.

Se o nosso olhar penetrar ainda mais profundamente, veremos que estamos todos na folha de papel. Isso aliás é fácil já que, quando olhamos para uma folha de papel, essa folha faz parte da nossa percepção. O vosso espírito está aqui nesta folha de papel, e o meu também. Digamos que tudo está incluído nesta folha. Ela contém tudo: o tempo, o espaço, a terra, a chuva, o mineral, a luz do sol, a nuvem, o rio, o calor. Todas as coisas co-existem com esta folha. É por isso que eu digo que a palavra «entre-existir» devia entrar no dicionário. Existir é «entre-existir». Não podeis existir sozinhos, por vós mesmos. Não podeis existir senão em interdependência com tudo o que existe – tal como esta folha de papel.

Imaginemos que fazíamos regressar cada elemento à sua fonte, por exemplo, o raio de sol ao Sol. Acreditais que esta folha de papel poderia existir? Não, sem Sol nada existe. E se fizéssemos o lenhador voltar ao ventre da mãe também não teríamos folha de papel. De facto, esta folha de papel é feita de elementos «não-papel». Ora, se fizéssemos todos os elementos «não-papel» retornar à sua origem, não teríamos papel nenhum.

⁵ Michel Foucault, *choses dites, choses vues*, espectáculo de Jean Jourdeuil na Culturgest, 22 e 23 de Abril de 2005

⁶ Peter Kammerer, « “Car l’homme qui vit, hurle” – pour et contre la pitié », in *Travaux d’atelier – Foucault, Mozart, Müller* (Théâtre/Public n°176, Janeiro-Março 2005)

Sem esses elementos «não-papel», como o espírito, o lenhador e o resto, o papel não existe. O Universo inteiro está contido nesta fina folha de papel. Será que o Sutra da Grande Sabedoria não diz o mesmo ao afirmar que tudo é vazio?⁷

⁷ Este texto foi traduzido por João Rodrigues a partir de uma versão francesa. O tradutor «passou-o» a quem estava na sua sessão de «leitor vicioso», dentro do ciclo «E se fôssemos mesmo passadores?», organizado pela Abril em Maio – associação cultural, em Outubro-Novembro de 2004.